



**As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de  
*O mundo como vontade e representação***

*Can the ideas be understood as an a priori? On the § 45 of "The world as  
will and representation"*

**Lucas Lazarini Valente**

*Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas*

*E-mail: [lazarini09@gmail.com](mailto:lazarini09@gmail.com)*

**Resumo:** No presente texto, abordamos a seção 45 de *O mundo como vontade e representação* com a intenção de reconstruir o contexto no qual Schopenhauer apresenta a antecipação da Ideia de humanidade como condição de seu reconhecimento na natureza e de sua reprodução nas obras de arte que com ela se ocupam. Pretendemos indicar que a concepção de tal antecipação surge apenas como consequência da dualidade do caráter humano, para então destacar que a possibilidade dessa antecipação se restringe à Ideia que corresponde ao mais alto grau de objetivação da vontade.

**Palavras-chave:** Ideia; Antecipação; *a priori*.

**Abstract:** In this paper we approach section 45 of *The World as Will and Representation* with the intention of reconstructing the context in which Schopenhauer presents the anticipation of the Idea of humanity as condition for its identification in nature and for its reproduction in the works of art whose aim is to depict such Idea. We intend to indicate that the conception of such anticipation comes to the fore only as consequence of the human character's duality and then highlight that the possibility of this anticipation is restricted to the Idea that corresponds to the highest level of the will's objectivation.

**Keywords:** Idea; Anticipation; *a priori*.

**A**o longo do terceiro livro da obra principal, Schopenhauer expõe sua conhecida hierarquia das artes. Essa hierarquia, sabemos, tem como parâmetro de classificação a Ideia reproduzida em cada uma das artes elencadas. A posição de determinada forma de expressão artística será inferior ou superior em conformidade com a Ideia ali apresentada, em função de essa última ser um grau inferior ou superior de objetivação da vontade. Ainda que julguemos que já a noção de objetivação da vontade merece um tratamento diferente daquele que usualmente encontramos apresentado pelos intérpretes da filosofia schopenhaueriana em sua maioria, não trataremos desse assunto aqui. O que no momento nos interessa é o tratamento dado por Schopenhauer à questão do reconhecimento e da reprodução da beleza própria à forma humana. Esse tratamento é apresentado na seção 45 da obra principal, a qual, no contexto daquela hierarquia já mencionada, dá início à análise da pintura histórica e da escultura.

Nosso interesse nessa seção se limita a um aspecto muito preciso, o qual acreditamos que talvez possa desempenhar um papel estratégico na interpretação não completamente ortodoxa da teoria schopenhaueriana das Ideias que pretendemos desenvolver. Nesse quadro mais amplo – que não apresentaremos aqui – a análise de um trecho da seção 45 é especialmente importante na medida em que essa passagem parece sugerir a identificação das Ideias com determinado grau de aprioridade. O que pretendemos com o presente texto é, então, 1) destacar a compreensão de que essa atribuição do caráter de aprioridade só é feita por Schopenhauer a *uma* Ideia específica e 2) reforçar que, nesse caso, essa atribuição é feita com limites, ainda que não bem definidos (como já mencionado, trata-se de um determinado grau de aprioridade).

Que na seção em questão Schopenhauer inicia sua abordagem de formas artísticas que têm como finalidade a exposição da Ideia de humanidade, da beleza própria aos seres humanos, podemos ver já nas suas linhas de abertura: “Expôr de forma imediatamente intuitiva a Ideia na qual a vontade atinge o grau mais elevado de sua objetivação é, por fim, a grande tarefa da pintura histórica e da escultura.”<sup>1</sup>. Referimo-nos

---

<sup>1</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV I, §45, p. 280 (“Die Idee, in welcher der Wille den höchsten Grad seiner Objektivation erreicht, unmittelbar anschaulich darzustellen, ist endlich die große Aufgabe der Historienmalerei und der Skulptur”) / MVR I, pp. 254-5 (tradução modificada. Na tradução de Jair Barboza, lemos que a Ideia se expõe imediatamente na intuição e que essa Ideia é a tarefa da pintura histórica e da escultura: “A Ideia na qual a vontade atinge o grau mais elevado de sua objetivação, expondo-se imediatamente para a intuição, é, por fim, a grande tarefa da pintura histórica e da escultura”).

---

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

ao objetivo da seção como sendo o de iniciar o tratamento de “formas artísticas” que expõem a Ideia de humanidade, e não o de abordar “as formas artísticas” que tem como função a reprodução de tal Ideia, pois a poesia em suas variadas expressões também pode fazê-lo. O que diferencia pintura histórica e escultura, por um lado, e poesia, por outro, e o que justifica o tratamento daquelas em conjunto e, com isso, as distingue da forma de exposição poética, também já foi mencionado no trecho citado: pintura histórica e escultura reproduzem o grau mais alto de objetivação da vontade de forma imediatamente intuitiva, diferentemente da poesia, que atua por intermédio das palavras. Assim, ainda que produza o efeito da reprodução de uma representação intuitiva, a poesia não o faz, entretanto, de forma imediata. Nesse caso, apenas conceitos abstratos são comunicados de forma imediata<sup>2</sup>.

Como já mencionamos, a seção 45 apenas introduz o tema da pintura histórica e da escultura como essa determinada forma de expressão da Ideia de humanidade. A análise dessas formas artísticas será levada a cabo apenas com a conclusão das seções seguintes (e apenas depois do tratamento de uma escultura em específico, a do Grupo de Laocoonte). Essa análise tem de passar pela discussão que se faz necessária tendo em vista o traço característico do ser humano, aquilo que, juntamente com a posse da razão, o diferencia dos demais animais, característica essa que traz uma exigência específica para as artes que com ele se ocupam. Sendo os animais não humanos destituídos deste traço, este é apresentado aqui por meio da comparação com a pintura que reproduz a Ideia desse grau mais baixo de objetivação:

Ademais, observe-se que no grau imediatamente inferior à pintura histórica, na pintura de animais, o característico é inteiramente uno com o belo: o leão, o lobo, o cavalo, o carneiro, o touro mais característico é sempre o mais belo. O fundamento disso é que os animais possuem apenas o caráter da espécie, não o caráter individual<sup>3</sup>.

Entre os seres humanos, no entanto, não há essa coincidência entre caráter individual e caráter da espécie, fato que terá de ser levado em conta na exposição da Ideia de humanidade:

---

<sup>2</sup> Ver SCHOPENHAUER, A. WWV, §51, p. 306 / MVR I, p. 280: “As Ideias são essencialmente intuitivas: se, contudo, na poesia apenas conceitos abstratos são comunicados imediatamente por palavras, é no entanto claro que a intenção é, por meio dos representantes desses conceitos, permitir ao ouvinte intuir as Ideias da vida, o que só é possível com a ajuda de sua própria fantasia”.

<sup>3</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV I, § 45, p. 280 / MVR I, p. 255.

---

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

Porém, na exposição do ser humano, separam-se o caráter da espécie e o caráter do indivíduo: o primeiro, então, se chama beleza (em sentido inteiramente objetivo), enquanto o segundo conserva o nome “caráter” ou “expressão”. Com isso entra em cena uma dificuldade nova, a de expor os dois perfeitamente, e ao mesmo tempo, num mesmo indivíduo<sup>4</sup>.

Com o surgimento, nos seres humanos, do caráter individual, o que faz com que o humano seja, por assim dizer, o resultado da união entre caráter da espécie e caráter do indivíduo, o primeiro passa a designar a beleza propriamente dita e o segundo receberá o nome de “expressão” ou, simplesmente, de “caráter”. Em oposição à exposição dos animais, na qual a exposição da beleza se esgota na reprodução do caráter da espécie, aqui, no caso do ser humano, surge a dificuldade de conciliar a exposição daquilo que é característico do indivíduo e, ao mesmo tempo, daquilo que nele é belo. Em outras palavras: no caso da exposição dos animais, o artista pode concentrar seus esforços na tentativa de reproduzir fielmente aquele exemplar que se encontra diante dele. Isso porque a reprodução da Ideia que se manifesta no indivíduo coincidirá com a exposição do caráter da espécie e, portanto, com a exposição da Ideia a ele correspondente. É nesse sentido, no da coincidência ou não entre caráter da espécie e caráter individual, que a dificuldade mencionada deve ser entendida. Em função de cada ser humano poder ser visto como expressão de uma Ideia particular (o que é dito em outro momento do texto de Schopenhauer), a contemplação de um indivíduo, ainda que satisfaça as condições que a caracterizam como a contemplação oriunda do puro sujeito do conhecer – o que faz com que a contemplação, então, deixe de ser exatamente a de um indivíduo – e assim configure o estado de conhecimento da Ideia; ainda que essas condições sejam satisfeitas, a contemplação dessa Ideia não garante a contemplação da Ideia da espécie.

Em termos do que parece ser o objetivo de Schopenhauer na seção que aqui nos ocupa, com a constatação da dualidade do caráter humano, formula-se o problema a ser abordado antes que o filósofo proceda efetivamente à análise da pintura histórica e da escultura. O problema é o do equilíbrio a ser obtido para que a exposição não dê destaque a um dos elementos que constituem essa dualidade. Como, no entanto, não nos interessa aqui exatamente o objetivo principal de Schopenhauer nessa seção, apenas

---

<sup>4</sup> *Ibidem*.

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

indicamos a passagem que parece bastante representativa dessa questão:

Como, por um lado, o indivíduo pertence sempre à humanidade e, por outro, a humanidade se manifesta sempre no indivíduo e inclusive com significação especial e ideal do mesmo, então nem a beleza pode ser suprimida pelo caráter nem este por aquela, pois a supressão do caráter da espécie mediante o caráter do indivíduo é caricatura, e a supressão do caráter individual mediante o caráter da espécie é ausência de significação<sup>5</sup>.

A questão que realmente nos interessa e que é pressuposta já por aquela a respeito do equilíbrio entre beleza (caráter da espécie) e expressão (caráter individual) na exposição artística do ser humano é a da possibilidade de identificação, ou reconhecimento, da beleza humana nos indivíduos que a expressam de forma destacada.

Se retornamos à ordem da exposição da seção, temos, na sequência da indicação da dualidade do caráter humano, algo próximo a uma definição do que seria designado por “beleza humana”: “BELEZA HUMANA é uma expressão objetiva que significa a objetivação mais perfeita da vontade no grau mais elevado de sua cognoscibilidade: portanto, a Ideia de ser humano em geral, plenamente expressa na forma intuída”<sup>6</sup>. Como vemos aqui, o “nível mais alto de sua cognoscibilidade”, isto é, o nível mais alto de cognoscibilidade da vontade, é já a forma “ser humano”. A mais perfeita objetivação da vontade, na medida em que Schopenhauer se refere a ela como “a mais perfeita objetivação da vontade *no* nível mais alto de sua cognoscibilidade” (destaque nosso), tem de ser então entendida como uma subdivisão no interior desse nível mais alto. O que é designado por essa subdivisão é a beleza humana<sup>7</sup>.

Schopenhauer passa, então, pela consideração a respeito de como a natureza teria sido capaz de produzir a beleza humana. Essa seria o resultado de uma luta pela matéria, de modo que cada nível superior tem sempre de vencer essa disputa que se trava com os representantes dos níveis inferiores de objetivação da vontade para então tomar posse

---

<sup>5</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV I, §45, p. 286 / MVR I, p. 260 (Na versão brasileira, “das Individuum immer der Menschheit angehört” foi traduzido por “o indivíduo pertence sempre à *Ideia de* humanidade”).

<sup>6</sup> *Idem*, WWV I, §45, p. 281 / MVR I, p. 255.

<sup>7</sup> Esse comentário nos serve também como observação, de passagem, a respeito da intercambialidade possível entre os termos “objetivação” e “cognoscibilidade”. Claramente não é possível concluir por essa possibilidade apenas a partir dessa passagem, mas o leitor de Schopenhauer sabe que o que o filósofo designa aqui como “o nível mais alto de sua [da vontade] cognoscibilidade”, a Ideia de ser humano, é precisamente o que, em outras passagens, é chamado de grau mais alto de objetivação ou de objetividade (nessa última frase, gostaríamos de destacar o uso do *ou*, uma vez que julgamos que o filósofo não faz uso dos termos “objetivação” e “objetividade” de forma a estabelecer uma distinção bem determinada entre eles).

---

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

da matéria.<sup>8</sup> Faz parte dessa consideração a observação de que os graus mais elevados de objetivação da vontade sempre são o resultado de uma atuação harmônica de diversas partes completamente diferentes entre si. Se no corpo humano todas essas partes se relacionam entre si de forma efetivamente harmônica, de modo a não resultar em hipertrofia nem em atrofia de nenhuma delas, “eis aí as condições raras cujo resultado é a beleza, o caráter da espécie perfeitamente cunhado”<sup>9</sup>. De acordo com o filósofo, esse seria o processo que resultaria, na natureza, na bela forma humana. “E a arte?”, questiona Schopenhauer. Como é que se produz a beleza humana na arte? Ou melhor, como é que a arte é capaz de reproduzir a beleza humana produzida pela natureza? A resposta de Schopenhauer é a de que o artista é capaz de uma antecipação do belo, que ele possui determinada concepção do belo antes da experiência. É essa resposta que nos interessa aqui. Veremos como Schopenhauer defende essa posição e por qual razão ele tem de sustentá-la.

Nossa intenção, mais precisamente, é enfatizar que, nesse momento, Schopenhauer questiona como a arte procede, mas não a arte em geral, não qualquer forma de arte. A pergunta já está delimitada no contexto do reconhecimento e da exposição da *beleza humana*. Isso está claro a partir do desenvolvimento da seção até então, mas iremos destacar em nossa exposição, a partir de agora, todas passagens que julgamos reforçar essa leitura. Para isso, podemos começar dando destaque para a pergunta que o filósofo formula após introduzir a ideia de que a arte teria de necessariamente trabalhar com uma concepção de beleza que antecede a experiência: “Alguma vez a natureza produziu um ser humano perfeitamente belo em todas as suas partes?”<sup>10</sup>. A função dessa pergunta é a de questionar a compreensão da arte de acordo com a qual esta operaria através de imitação em relação à natureza. Essa compreensão

---

<sup>8</sup> É interessante notar que aqui é a vontade que luta pela matéria, e não as Ideias, como havia sido dito na menção, no livro anterior, a essa disputa. É a vontade que, ao se objetivar em um indivíduo (humano, portanto já no nível mais alto de objetivação), supera todos obstáculos e resistências impostas a ela por aparências da vontade de níveis inferiores. Essa vitória se dá por meio de situações favoráveis e por meio de sua própria força. Entre esses níveis inferiores se encontram as forças naturais, das quais, em primeiro lugar, a vontade sempre tem de conquistar a matéria. O destaque que demos ao fato de que aqui Schopenhauer se refere a uma luta da vontade, e não das Ideias, pela matéria, parece desprovido de fundamento, uma vez que, sendo as Ideias a objetividade *da* vontade, dizer que as Ideias lutam pela matéria é o mesmo que dizer que a vontade realiza essa luta. Mas, se é esse o caso, acreditamos que, quando Schopenhauer se refere, no segundo livro, à luta das Ideias pela matéria, ele tem de ter em mente a luta que é travada entre os diversos indivíduos, que são os representantes de cada uma das Ideias.

<sup>9</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV I, §45, pp. 281-2 / MVR I, p. 256.

<sup>10</sup> *Idem*, WWV I, §45, p. 282 / MVR I, p. 256.

---

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

ficaria sujeita a duas objeções: 1) para que a arte pudesse ser produzida via imitação, essa dependeria do reconhecimento dos belos produtos da natureza, de forma a ser necessária a existência de um parâmetro capaz de diferenciar quais dos entes naturais seriam belos ou não; em segundo lugar, temos a questão que já destacamos: 2) por acaso existe algum ser humano completamente belo em todas as suas partes? Isto é, caso fosse possível passarmos pela questão a respeito de um parâmetro capaz de distinguir o belo entre os produtos naturais, seria possível identificarmos um produto completamente belo, de forma que ele poderia ser tomado como modelo a ser reproduzido em sua totalidade, sem modificação alguma?

Em relação à questão que atua como a segunda objeção, temos de entendê-la como uma pergunta retórica. A resposta negativa a ela seria óbvia a qualquer um, o que permitiria a sequência do texto apresentada por Schopenhauer: uma vez que esse ser humano completamente belo não existe, levanta-se a hipótese de que é o papel do artista reconhecer as diversas partes belas em diversos indivíduos para então reuni-las naquilo que constituiria um todo belo: “Foi dito que o artista tem de estudar muitas partes belas e esparsas entre os seres humanos e delas compor um belo todo”<sup>11</sup>. Para Schopenhauer, trata-se de uma opinião equivocada, na medida em que ela levantaria uma nova questão: como o artista seria capaz de reconhecer que determinada parte é bela e outra não? “Pois pergunte-se mais uma vez: como o artista pode reconhecer que precisamente algumas dessas formas isoladas são belas e outras não?”<sup>12</sup> Isto é, somos reconduzidos à primeira das objeções enumeradas acima: trata-se, mais uma vez, do problema que surge ao se assumir um parâmetro *a posteriori* para o reconhecimento da beleza na natureza.

Com esse problema em vista, Schopenhauer pode afirmar, então, que o conhecimento do belo meramente através da experiência não é possível. O que traz como consequência a impossibilidade da produção da bela arte também meramente a partir da experiência. Tal conhecimento teria, portanto, de ter uma fonte *a priori*: “Conhecimento algum do belo é possível de maneira puramente *a posteriori* e a partir da mera experiência”<sup>13</sup>. Mas aqui temos um detalhe importante. Não consta no texto schopenhaueriano a afirmação de que o conhecimento do belo é integralmente *a priori*, mas sim sempre “ao menos em parte” *a priori*. Até mesmo porque, como sabemos,

---

<sup>11</sup> *Ibidem*.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

---

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

apenas o conhecimento das formas da cognição que nos é possível pode ser dado completamente *a priori*. Aqui, no âmbito do reconhecimento do belo, trata-se, antes, do conhecimento de um determinado conteúdo. É com essa questão em mente que Schopenhauer tem de fazer a ressalva de que o conhecimento sobre o qual ele fala nesse momento é completamente diferente daquele das diversas figuras do princípio de razão suficiente: “tal conhecimento é sempre em parte *a priori*, embora inteiramente diferente das formas do princípio de razão das quais estamos conscientes *a priori*”<sup>14</sup>. De que maneira, então, é possível que um conhecimento seja *a priori* e, ao mesmo tempo, transmita algum conteúdo, em oposição a meras formas e relações? A versão final da resposta a essa questão é a de que nós mesmos somos o objeto intuído, uma vez que ambos somos objetivação da vontade. Ao invés de simplesmente reproduzirmos essa resposta de Schopenhauer, queremos destacar alguns pontos da passagem na qual ela se insere. Ela é a seguinte:

O fato de *todos nós* reconhecermos a beleza *humana* quando a vemos, sendo que no caso do artista autêntico isso ocorre com tal nitidez que ele a mostra como nunca antes a vira, e, por conseguinte, supera a natureza em sua exposição – isso só é possível porque a vontade, cuja objetivação adequada em seu grau mais elevado deve aqui ser descoberta e julgada, SOMOS NÓS MESMOS<sup>15</sup>.

Em primeiro lugar, destacaríamos, mais uma vez, que o que está sendo discutido é explicitamente o reconhecimento da beleza humana. Acreditamos ser significativo que Schopenhauer fale que todos nós reconhecemos essa beleza quando a vemos, e não simplesmente que *poderíamos* reconhecê-la, justamente porque é a beleza humana que está em questão. Mas por que estender esse reconhecimento a “todos nós” pode ser significativo? Porque quando pensamos no reconhecimento das Ideias em geral, temos de lembrar que Schopenhauer admite que todo ser humano possui o *potencial* para atingi-lo, mas, apesar desse potencial, apenas alguns indivíduos são capazes de se livrar precisamente de tal condição – da condição de indivíduo – e, com isso, atingir o estado que possibilita a intuição de uma Ideia. No presente caso, no caso da beleza humana,

<sup>14</sup> WWV I, §45, p. 282 / MVR I, p. 256.

<sup>15</sup> WWV I, §45, p. 282 / MVR I, p. 257 (tradução modificada, itálicos nossos. A tradução, tal como consta na p.257, omite que somos *nós* que conhecemos a beleza *humana*: “o fato de todos reconhecerem a beleza caso a vejam, ...”. A omissão do pronome claramente não altera o sentido da passagem, mas preferimos mantê-lo tal como consta no original: “Daß wir Alle die menschliche Schönheit erkennen, wenn wir sie sehen, ...”. Já a omissão do adjetivo que nessa frase acompanha “beleza” é de maior relevância).

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

Schopenhauer fala de algo que de fato acontece com todos, não de algo que permanece como uma possibilidade aberta a todos. É certo que poderíamos questionar a quem Schopenhauer se refere com o pronome “nós” aqui utilizado. No entanto, caso queiramos entendê-lo não como algo que se refere a todo e qualquer sujeito, mas sim a um grupo reduzido, teríamos de pensá-lo como se referindo ao menos a todo leitor da obra schopenhaueriana. Mas caso queiramos pressupor que nesse assunto um leitor de Schopenhauer se destacaria em relação a qualquer outro sujeito, teríamos ao menos de levar em conta a seguinte passagem do início do quarto livro da obra principal:

A virtude é tão pouco ensinada quanto o gênio; sim, para ela o conceito é tão infrutífero quanto para a arte e em ambos os casos deve ser usado apenas como instrumento. Por conseguinte, seria tão tolo esperar que nossos sistemas morais e éticos criassem caracteres virtuosos, nobres e santos quanto que nossas estéticas produzissem poetas, artistas plásticos e músicos<sup>16</sup>.

Assim como não se ensina a virtude, assim como não se produzem artistas por meio de tratados de estética, da mesma forma a leitura de uma obra filosófica – nem mesmo a de uma obra de Schopenhauer – não seria capaz de alterar as estruturas cerebrais responsáveis, em parte, por deixar um indivíduo suscetível ou não a uma excitação especial da capacidade intuitiva do cérebro, condição para a intuição da Ideia: “O exigido estado para a pura objetividade da intuição tem em parte condições permanentes na perfeição do cérebro, e, em geral, na índole fisiológica favorável à sua atividade”<sup>17</sup>.

Por outro lado, lemos no prefácio à primeira edição da obra principal que o leitor é já também um filósofo<sup>18</sup>. Esse segundo ponto seria o suficiente para entender o uso de “nós” como referência apenas a Schopenhauer e seus leitores-filósofos? Isto é, apenas filósofos com a sua necessária dose de genialidade seriam capazes de intuir a beleza humana? Acreditamos que não, até porque sabemos que, para Schopenhauer, o gênio e o filósofo são produções muito raras da natureza (o que pode sugerir, na verdade, a presença de certa dose de ironia naquela passagem do prefácio). No entanto, na impossibilidade de uma discussão mais detalhada do assunto e tendo de fazer uma opção para levar adiante o argumento, apostamos na ideia expressa no parágrafo

<sup>16</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV I, §53, p. 343 / MVR I, pp. 313-4.

<sup>17</sup> *Idem*, WWV II, Kap. 30, p. 436 / MVR II, p. 440.

<sup>18</sup> *Idem*, WWV I, p. 9 / MVR I, p. XXVII.

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

anterior, isto é, na ideia de que “nós” se refere a todo e qualquer sujeito. Se é esse o caso, se efetivamente qualquer sujeito intui a beleza humana e não meramente possui a capacidade para tal intuição sem vir a colocá-la em atividade, então temos de reconhecer que a intuição da Ideia de humanidade se distingue da intuição das demais Ideias.

Ainda sobre essa questão: na passagem que no momento analisamos, depois de escrever que todos nós conhecemos a beleza humana quando a vemos, Schopenhauer adiciona que “no caso do artista autêntico isso ocorre com tal nitidez que ele a mostra como nunca antes a vira”. Julgamos que isso reforça o ponto que defendemos no parágrafo anterior, na medida em que o gênio, que é o autêntico artista, costuma se distinguir do sujeito comum por ser o único capaz de reconhecer a beleza do objeto intuído, visto que esse reconhecimento coincide com a intuição da Ideia. Aqui, no entanto, tanto o artista como sujeitos ordinários são capazes dessa intuição, de forma que a diferença está deslocada para a qualidade da intuição realizada pelo artista, pois nele a intuição ocorre com uma nitidez extraordinária. É essa singular nitidez que permitirá ao artista autêntico entender a natureza em suas meias palavras, como Schopenhauer dirá mais abaixo.

Por fim, a possibilidade de antecipação da beleza humana que Schopenhauer apresenta como condição da obra de arte que se ocupa com a reprodução dessa beleza determinada é explicada no fim daquela passagem: “isso só é possível porque a vontade, cuja objetivação adequada em seu grau mais elevado deve aqui ser descoberta e julgada, SOMOS NÓS MESMOS”. Nesse trecho, “isso” se refere ao “fato de todos nós reconhecermos a beleza humana quando a vemos”. Assim, a ideia aqui expressa é a de que “o fato de todos nós reconhecermos a beleza humana quando a vemos (...) só é possível porque a vontade, cuja objetivação adequada em seu grau mais elevado deve aqui ser descoberta e julgada, SOMOS NÓS MESMOS”. O que queremos enfatizar aqui é que a justificativa para a possibilidade de reconhecimento da beleza humana não repousa meramente no fato de sermos, juntamente com o objeto intuído, a objetivação adequada da vontade. Se fosse esse o caso, aí teríamos uma razão para atribuir o caráter de aprioridade a todas as Ideias, pois *objetivação imediata* é o que toda Ideia é. Aqui, no entanto, temos de levar em conta que em sua articulação das Ideias em níveis, Schopenhauer se refere à beleza humana como a objetividade imediata *em seu mais alto* nível. Ainda que a unidade da vontade permita a identificação entre todos os seres e, por conseguinte, entre todos os

graus de objetivação, destacamos que nesse momento o importante é a identificação *no interior de um mesmo grau*. O que nós somos, então, é o nível mais alto da objetividade adequada da vontade. Isto é, é apenas no caso da beleza humana que pode ocorrer a antecipação já aludida e da qual Schopenhauer fala novamente nas linhas seguintes:

De fato, só dessa maneira temos uma antecipação daquilo que a natureza (que é justamente a vontade, constitutiva de nossa própria essência) se esforçava por expor; antecipação esta que, no autêntico gênio, é acompanhada de tal grau de clarividência que ele reconhece nas coisas isoladas a Ideia, como que ENTENDE A NATUREZA EM SUAS MEIAS PALAVRAS e, então, exprime puramente o que ela apenas balbucia<sup>19</sup>.

Assim, em mais uma passagem Schopenhauer indica a dupla função dessa antecipação, ou os dois momentos nos quais podemos entender sua atuação: “Só assim o grego genial pôde descobrir o tipo arquetípico da figura humana e estabelecê-lo como cânone da escultura, e também apenas devido a uma semelhante antecipação é possível a todos nós reconhecer o belo lá onde a natureza o conseguiu efetiva e isoladamente”<sup>20</sup>. É ela que permite a produção e a recepção artísticas, sendo que a primeira destas é possível apenas no gênio, enquanto o reconhecimento da bela forma é possível a todos nós. Isso, claro, – destacamos mais uma vez – em relação à bela forma humana. É o tipo arquetípico da *figura humana* que foi encontrado pelo grego genial. Julgamos necessária a ênfase, que passa a parecer excessiva, de que é a beleza humana o tema da seção 45, porque acreditamos ser importante reconhecer a peculiaridade, nesse sentido bem delimitada, do alcance da antecipação da beleza (da Ideia). É apenas quando a beleza humana é o assunto que a antecipação se torna possível, e é apenas nesse âmbito que se estabelece uma semelhante aproximação entre o gênio e o indivíduo comum, mais uma vez mencionada na última passagem citada.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> *Idem*, WWV I, §45, p. 282 / MVR I, p. 257.

<sup>20</sup> *Idem*, WWV I, §45, p. 283 / MVR I, p. 257 (tradução superficialmente modificada).

<sup>21</sup> Quando dizemos que é a antecipação é possível só em relação à beleza humana, pensamos nesta última sempre como sinônimo da Ideia de humanidade, em cuja exposição, como mencionamos de passagem, é necessário que se alcance o equilíbrio entre caráter da espécie e caráter individual. Nesse sentido, o grau possível de antecipação da Ideia desempenha seu papel não apenas nas formas artísticas que configuram o tema da seção 45, mas também, por exemplo, na poesia. Apesar de essa não se ocupar exclusivamente com a Ideia de humanidade, seu objeto é “preferencialmente a manifestação da Ideia correspondente ao grau mais elevado de objetividade da vontade, a exposição dos seres humanos na série concatenada de seus esforços e ações” (WWV I, §51, p. 308 / MVR I, p. 282). Na medida em que a poesia se ocupa com essa Ideia específica e, como nos esforçamos por destacar, é em relação a essa Ideia que a antecipação se faz possível, esta última atuará também na produção poética, o que Schopenhauer diz referindo-se ao caso da escultura: “O poeta, ao contrário, apreendeu a Ideia de humanidade em um de seus lados determinados e As Ideias podem ser entendidas como um a priori? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*”

À justificativa para a ênfase que conferimos a essa questão, acrescente-se o fato de que a compreensão que aqui apresentamos não parece poder ser encontrada entre os intérpretes da obra schopenhaueriana, ou ao menos não parece ser considerada digna de destaque suficiente para evitar uma possível ambiguidade. Wolfgang Korfmacher, por exemplo, parece compreender a antecipação como possível em relação a todas as Ideias. Em sua comparação da antecipação da Ideia em Schopenhauer com a teoria da reminiscência em Platão, o comentador, a princípio, diz que esses aspectos não devem ser entendidos como idênticos. No entanto, algumas linhas adiante, Korfmacher se refere à antecipação da Ideia de humanidade como “um caso” da antecipação em Schopenhauer, deixando margem para a compreensão de que o comentador entende que também “outros casos” seriam possíveis<sup>22</sup>. Além dessa forma de expressão, alguns parágrafos acima ele efetivamente se refere à nossa capacidade de antecipação *das Ideias*: “Laut Schopenhauer vermögen wir die Ideen zu antizipieren, weil wir selbst der Wille sind, der sich auch in ihnen objektiviert”<sup>23</sup>. Em adição à referência às Ideias no plural, também o que ele entende como a justificativa para a possibilidade dessa antecipação denota uma visão mais abrangente dessa capacidade, na medida em que essa justificativa se baseia na objetivação de forma geral, não na coincidência de determinado nível dessa objetivação.

É certo que, em sua reconstrução do tratamento que Schopenhauer dá à escultura, Korfmacher faz a referência mais precisa ao grau mais alto de objetivação da vontade: “Daß wir menschliche Schönheit in der Natur erkennen, daß der Künstler die Natur in der Darstellung menschlicher Schönheit übertreffen kann, das hat seinen Grund darin, daß wir selbst jener Wille sind, dessen höchstmögliche Objektivierung gefunden und dargestellt werden sol”<sup>24</sup>. No entanto, o comentador parece apenas parafrasear o texto Schopenhaueriano sem reconhecer na referência ao grau mais alto algo relevante.<sup>25</sup> A. Saxer e C. Foster procedem da mesma maneira. O primeiro passa pela questão da antecipação apenas para enfatizar que o que a possibilita é a presença da mesma vontade tanto no artista como naquele que reconhece a beleza na arte. Inserida no

---

exponíveis; é a essência de seu si mesmo que, nela, para ele se objetiva: seu conhecimento, como antes indiquei ao tratar da escultura, é em parte *a priori*” (WWV I, §51, p. 309 / MVR I, p. 284).

<sup>22</sup> KORFMACHER, W. *Ideen und Ideenerkenntnis in der ästhetischen Theorie Arthur Schopenhauers*, p. 109.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>25</sup> Encontramos semelhante menção sem especial destaque em APOSTOLOPOULOU, G. *Schopenhauer als Vermittler griechischer Kunst*, p. 43.

---

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

contexto de recusa da objeção de J. Volket a uma suposta ausência absoluta de vontade na contemplação estética, é a intenção de Saxer apenas destacar que a antecipação é possível em função da comum objetivação da vontade, sem enfatizar que a coincidência é a do nível da objetivação<sup>26</sup>. Semelhantemente, Foster também apenas apresenta a justificativa mais ampla:

Schopenhauer stresses yet again that the artist does not merely copy the beauty of a particular countenance but rather anticipates and modifies it in depiction. The beauty as anticipated is partly present a priori, before particular experience, for both the artist and the connoisseur 'are themselves the "in-itself" of nature, the will objectifying itself<sup>27</sup>.

Com a discussão em torno da possibilidade de antecipação do belo, Schopenhauer aborda o problema anteriormente levantado, e que formulamos mais acima como uma questão, a respeito da possibilidade de um *a priori* que, enquanto tal, não se refere apenas a formas, mas sim a certo conteúdo. Uma vez estabelecido que esse conteúdo é fornecido justamente pela antecipação do belo, possibilitada pelo fato de sujeito e objeto nesse caso serem representantes do mesmo nível de objetivação da vontade, fato esse que atesta consigo o alcance dessa antecipação, que é nesse sentido bem delimitado; depois desse percurso, Schopenhauer amarra a discussão ao retornar à questão daquele *a priori*. Da mesma maneira que o filósofo fez na primeira referência a esse *a priori* na arte, somos aqui também confrontados com uma afirmação que carece daquela precisão que podemos encontrar em relação ao âmbito de alcance da antecipação do belo. Infelizmente, essa imprecisão<sup>28</sup> se dá exatamente no momento em que Schopenhauer estabelece a relação entre a antecipação e a Ideia: "Semelhante antecipação é o IDEAL: é a Ideia, na medida em que esta, pelo menos em parte, é conhecida *a priori* e, enquanto tal, complementando o que é dado *a posteriori* pela natureza, torna-se prática para a arte"<sup>29</sup>. Essa imprecisão, no entanto, não traz consigo entraves para a exposição de Schopenhauer – ou, ao menos, para o que queremos destacar dessa exposição, que é precisamente o fato de que, por mais que a antecipação, enquanto o ideal, seja associado

<sup>26</sup> Ver SAXER, A. *Kritik der Einwände gegen die Grundprinzipien der Ästhetik Schopenhauers*, p. 114.

<sup>27</sup> FOSTER, Cheryl. *Ideas and Imagination - Schopenhauer on the Proper Foundation of Art*, p. 238.

<sup>28</sup> A imprecisão que agora é expressa por "wenigstens zur Hälfte" havia sido anteriormente apresentada como "wenigstens zum Theil".

<sup>29</sup> SCHOPENHAUER, A. *WWV I*, §45, p. 283 / *MVR I*, p. 257.

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

à Ideia, essa associação não faz com que a Ideia seja um *a priori*. À Ideia, nesse caso, é atribuído apenas parcialmente o caráter de aprioridade. E se existe essa condição – satisfeita somente em relação ao ser humano – para que a Ideia pode ser vista como o ideal, que é então entendido como o conhecimento antecipado de um conteúdo, não existe a possibilidade de estabelecimento, sem restrições, de uma igualdade de status entre Ideia e ideal e, portanto, entre Ideia e um conteúdo *a priori*.

Dessa maneira, como anunciado no início de nosso texto, acreditamos ter explicitado que, dentre todas as Ideias que se manifestam no mundo como representação para o indivíduo, apenas uma delas, a de humanidade, é apresentada por Schopenhauer como possuindo um traço que nos permite caracterizá-la como algo que pode ser conhecido antes da experiência. No entanto, como acabamos de ver, mesmo essa possibilidade deve ser entendida dentro de certos limites, o que faz com que ela não seja completamente independente da experiência (como é o caso com tempo, espaço e causalidade). Assim, o que pretendemos ter indicado é que, se em relação a única Ideia à qual Schopenhauer pode atribuir o caráter de aprioridade esse caráter não é atribuído senão de forma parcial, julgamos que essa parcialidade tem de ser levada em conta caso se pretenda reconhecer nas demais ideias o papel de um elemento condicionante da experiência<sup>30</sup>.

### Referências bibliográficas

- APOSTOLOPOULOU, G. Schopenhauer als Vermittler griechischer Kunst. In: *64. Schopenhauer-Jahrbuch*. Frankfurt am Main: Waldemar Kramer, 1983, pp.39-50.
- FOSTER, C. Ideas and Imagination - Schopenhauer on the Proper Foundation of Art. In: JANAWAY, C. (Ed.). *The Cambridge Companion to Schopenhauer*. Cambridge, UK ; New York, NY: Cambridge University Press, 1999, pp. 213-251.
- KORFMACHER, W. *Ideen und Ideenerkenntnis in der ästhetischen Theorie Arthur Schopenhauers*. Pfaffenweiler: Centaurus-Verlagsgesellschaft, 1992.
- Saxer, A. Kritik der Einwände gegen die Grundprinzipien der Ästhetik Schopenhauers. In: *7. Jahrbuch der Schopenhauer-Gesellschaft*. Kiel: Verlag der Schopenhauer-Gesellschaft, 1918, pp. 86-155.
- SCHOPENHAUER, A. *Die Welt als Wille und Vorstellung. Erster Band*. Zürich: Diogenes, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Die Welt als Wille und Vorstellung. Zweiter Band*. Zürich: Diogenes, 1977.

<sup>30</sup> Nesse sentido, pretendemos investigar a possibilidade de leitura do “*ante*” na passagem em que Schopenhauer escreve que a unidade da Ideia poderia ser vista como *unitas ante rem* (WWV, §50, p.297 / MVR, p. 271) não no sentido de anterioridade (nem mesmo lógica), mas sim como “diante de”, no mesmo sentido de uma das acepções da preposição alemã *vor*, que compõe o verbo *vorstellen* e o substantivo *Vorstellung* dele derivado: no momento da contemplação estética, o puro sujeito do conhecer tem diante de si, no objeto individual que então deixa de sê-lo, a representação intuitiva de um universal.

As Ideias podem ser entendidas como um *a priori*? Sobre o § 45 de *O mundo como vontade e representação*

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

Recebido: 31/10/17

*Received: 10/31/17*

Aprovado: 15/01/18

*Approved: 01/15/18*